

Vingança perante a ofensa —
 Delito igual por igual.
 Primeiro passo no bem:
 Esquecimento do mal.

Mais vale saber que ter,
 Cultura aprimora o bem,
 Mas só saber sem fazer
 Não adianta a ninguém.

Ventura que não se perde
 Consiste nesta verdade:
 Fazer os outros felizes
 Sem pedir felicidade.

Infeliz não é aquele
 Que nunca teve o que quis.
 E' aquele que nunca soube
 Que ser bom é ser feliz.

NHÔ MANDUCO

*"Recorde sempre: o anônimo da rua
 é nosso irmão."*

Lá se vai arrastando Nhô Manduco.
 Um homem passa, rente, e a língua engrola:
 — "Foge daqui, cachorro manquitola!"
 Outro grita de longe: — "Sai caduco!"

E' noite... A água da chuva é fino suco.
 O barro é o cobertor a que se enrola.
 Sente o mendigo o estalo da cachola
 E morre feito sapo no tijuco.

Acorda Nhô Manduco libertado.
 Contempla o próprio corpo, frio, ao lado...
 Ergue-se tonto... Nada sabe ao certo...

Teme e treme... Mas nisso vê na altura,
 A rebrilhar no horror da noite escura,
 Um caminho de sol no céu aberto.

— “Reencarnação!... Que estopada!...” —
 Comentou Nico Peão —
 “O corpo é concha pesada
 Que a gente arrasta no chão...”

“Afeição cega a razão” —
 Ideia a que não me encaixo.
 Cabeça pensa por cima,
 Coração fica por baixo.

Se o coração está rico
 De bondade natural,
 Nem a pobreza atropela,
 Nem a riqueza faz mal.

Provérbio claro e bem-posto,
 Sem margem à distorção:
 Melhor vergonha no rosto
 Que mágoa no coração.

NOTÍCIA DA AVAREZA

Era um patrão danado o João Cazeca,
 Tomava o milho e a cana do meeiro,
 Exigia serviço o dia inteiro
 E deitava no ronco e camoeira.

Bebia jeribita de caneca,
 Avarento, bilontra, farofeiro...
 Contava tanto os maços do dinheiro
 Que já sentia calos na munheca.

João cai doente e ruim... Chegando a morte,
 Pede remédio, auxílio e reza forte,
 Mal podendo mover os gorgomilos...

E morto o corpo, João, de suadouro,
 Ficou anos gemendo em prata e ouro,
 Trancado numa burra de cem quilos.